

HÁ MAIS DE SETENTA ANOS

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Sempre que escrevo aqui falo sobre fatos de minha vida geralmente trazidos por minha memória, e que fazem conexão com eventos atuais. Hoje abro uma exceção, tomando emprestada a memória de uma de minhas tias. No início de setembro de 2022 passei um período de “semiférias” na casa de campo que ela e seu marido mantêm em Joanópolis, uma pequena cidade na Serra da Mantiqueira na divisa entre São Paulo e Minas Gerais. Na função de sobrinho de aluguel uberizado (termo cunhado pelo tio Pedro já que ele não dirige mais), durante dez dias convivi intensamente com ambos, morando nesta casa enquanto eles se ocupavam de procedimentos relativos à manutenção do imóvel. Esta situação proporcionou-nos ótimas conversas sobre os mais de oitenta anos de vida da tia. Comento a seguir fatos que ilustram temas que discutimos cotidianamente neste blog, nos fóruns mensais e nas reuniões semanais de nosso grupo de estudos.

Em diálogo sobre a convivência desta minha tia, a Nena, com minha falecida mãe, a Laura, soube como e quando a tia deu início à sua vida profissional, literalmente levada pelas mãos de sua irmã mais velha que, aos quinze anos, já era funcionária registrada em uma fábrica de meias, no bairro do Ipiranga em São Paulo. No início dos anos 1940, a família toda havia migrado do interior para a capital Paulista em busca de tratamento de saúde para meu avô que, diagnosticado com esquizofrenia, logo foi internado em um sanatório, tornando-se economicamente inativo. A situação obrigou minha avó a arregaçar as mangas e se tornar mais uma trabalhadora da fervilhante metrópole paulistana daquela década. A situação também mudou a perspectiva de vida das crianças (cinco irmãos ao todo) que, à medida que cresciam, iam também tentando se inserir no mercado de trabalho para garantir a sobrevivência da família.

Desta forma, quando surgiu uma vaga na fábrica onde Laura trabalhava, ela logo apresentou sua irmã, então com doze anos incompletos, como candidata. Hoje Nena conta essa história com generosas doses de ternura, muita saudade e inúmeros atenuantes. Ela havia concluído o curso primário no final de 1949 e, como beneficiária de programas sociais da Legião Brasileira de Assistência, passara no início do ano seguinte por uma cirurgia de amígdalas. Findo o período de convalescença, foi batalhar a vaga na fábrica de meias em que sua irmã trabalhava.

Findo o período de convalescença, foi batalhar a vaga na fábrica de meias em que sua irmã trabalhava. A CLT já vigorava (desde 1º de maio 1943), mas abria brechas legais como a de que crianças com doze anos completos podiam ser contratadas por empresas a partir de uma autorização emitida pelo juizado de menores.

Esta autorização era geralmente solicitada pelos pais ou responsáveis desse menor. Angelina, a tia Nena, ainda não havia completado seus doze anos, mas isso não impediu sua contratação. Todos sabemos que burlar a legislação trabalhista é, desde sempre, um dos esportes preferidos dos empresários brasileiros.

Ela então passou a trabalhar clandestinamente sabe-se lá em que condições de salubridade. O fato que deu origem a este texto partiu exatamente daí. Tia Nena me contou um episódio em que, por solicitação da chefia, permanecera por longo tempo escondida no banheiro feminino impossibilitando que a fiscalização, presente naquele dia, flagrasse a irregularidade. Relatou o fato com certa alegria por ter, em cumplicidade com os patrões, enganado os fiscais que a impediriam de continuar ganhando seu dinheirinho.

A partir daí ela passou a relatar outros fatos da época em que ela e a irmã trabalharam juntas, disse que ambas caminhavam mais de 8 km todos os dias, indo e voltando a pé de casa até o trabalho. Lembrou também que muitas vezes o trajeto acontecia debaixo de chuva ou em dias muito frios, quando não ambos, pior pra elas que, entre outras dificuldades, dividiam um único guarda-chuvas e por isso andavam agarradas uma à outra por longa distância após acordarem de madrugada na famosa terra da garoa.

Não entramos em maiores detalhes sobre as condições de trabalho que ambas enfrentaram, uma vez que a ideia era recordar a convivência entre as irmãs, mas me dou o direito de imaginar que a relação delas com o trabalho não tenha sido digna e honesta.

Opinião que a tia refuta sob o argumento de que ela mesma tinha concordado com os termos “combinados” com os patrões sem se dar conta que estas lhe eram, na verdade, impostas.

Fico refletindo o quanto temos que crescer enquanto sociedade e enquanto país, até que se forme em nossa população um mínimo de consciência social e política pois, apesar dos fatos aqui narrados terem acontecido há mais de 70 anos, continuo, ainda hoje, ouvindo o mesmo discurso conformista pelas esquinas da vida.

■ ■ ■